

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"A INFLUÊNCIA DO 'ORÁCULO DE AMON' NA VIDA
RELIGIOSA DE ALEXANDRE: SINCRETISMO, PROPAGANDA
E PERPLEXIDADE"**

19-23 DE OUTUBRO 2009

"VIII JORNADA DE HISTÓRIA ANTIGA"

Marcela Mendes

História / 5o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Os ímpetos, as paixões e atos militares e políticos incontrolláveis de Alexandre, o Grande, são alvo freqüente da historiografia. No entanto, apesar de explicações religiosas ou "espirituais" terem sido as mais comuns entre as fontes, o assunto passou a ser tratado atualmente com foco apenas nos resultados políticos de tais ímpetos. Nesta comunicação, pretendo localizar e analisar a importância desses momentos na vida do conquistador, para torná-los mais compreensíveis do ponto de vista religioso. Nesse sentido, a obra *Vidas Paralelas* de Plutarco foi usada como fonte principal, por abranger mais tal visão. Um exemplo é a visita do conquistador ao "oráculo de Amon", no Egito, quando ele passa a ser reconhecido como o filho desse deus. Portanto, a partir da fonte principal e da comparação dela com outras, é possível traçar uma ligação desses momentos com a religiosidade presente na vida de Alexandre.



O mito do 'Imperador dos Últimos Dias' no *Apocalipse do Pseudo-Metódio* e a propaganda em favor das Cruzadas: uma figura mítica apropriada pela fé cristã

A influência da religiosidade nas decisões de Alexandre, o Grande, é o foco deste *paper*, no qual tentarei mostrar que, apesar da historiografia atual ser baseada nos seus feitos políticos, tais feitos não seriam possíveis sem tomadas políticas e as formas representações dele. Esses "ímpetos" que o levaram tão longe não eram imunes ao modo como ele concebia a religiosidade, o que gradativamente se estabeleceu ao longo da sua campanha. As mudanças dessa concepção significaram uma nova forma de lidar com o lado "espiritual", forma essa que os gregos e macedônios não estavam acostumados.

Com esse fim, analisarei a passagem¹ sobre a visita de Alexandre ao "Oráculo de Amon" e como ela é apresentada na biografia dele que Plutarco² fez compondo um dos livros da obra *Vidas Paralelas*³. Esse oráculo encontrava-se no oásis de Siwah, que fica nos limites do Egito, mas muito distante das cidades poderosas no país, que se agrupavam ao longo do rio Nilo. O deserto era um grande empecilho na jornada ao oráculo e, dessa forma, tal visita ficou marcada como sendo

¹ Os trechos de fonte analisados e apresentados são traduções de minha autoria, feitas a partir do original em grego e da tradução inglesa do original.

² Nascido em Queroneia, ele estudou matemática, física, retórica, filosofia, medicina, ciências e línguas (grego e latim) em Atenas. Representou sua cidade perante o governo Romano e ocupou altos cargos cívicos. Foi casado e pai de uma filha e quatro meninos. Escreveu grande parte do seu trabalho na última parte de sua vida.

³ Plutarco. *Vida de Alexandre*. Daqui por diante, será tratado como VA.



a primeira menção na maioria das fontes ao "ímpeto" de Alexandre, o Grande⁴.

No seu relato, Plutarco não faz questão de comentar suas fontes e, quando o faz, nem sempre se utiliza de fontes confiáveis. Cita conversas pessoais, provavelmente distorcidas como fonte. Por isso, as críticas acadêmicas quanto à utilização do relato de Plutarco como fonte historiográfica estão tanto na forma quanto no conteúdo, ainda citando os exageros no tratamento dos seus personagens. O próprio autor não se compromete com o "fazer história", mas sim biografias⁵.

Tais críticas estão descontextualizadas, pois o método utilizado por Plutarco para a sua pesquisa é muito próximo daquele utilizado pelos historiadores da sua época e em outras obras ele mesmo faz referência a essa método⁶. Ele se isenta do compromisso de um historiador para poder escolher suas fontes, geralmente de acordo a intensidade que quer dar ao seu relato. Isso traz um ponto de vista valioso, que deve ser negado ou calado. Os exageros na descrição não são novidades à época, principalmente porque o próprio Calístenes⁷ também os fazia⁸.

As fontes primárias, principalmente Ptolomeu e Aristóbulo seguindo relato de Calístenes, fazem sempre referência à importância que Homero tinha na vida de Alexandre. A descendência direta de Alexandre tanto de

⁴ Richard Stoneman. *Alexander the Great*. London: Routledge, 2004. P.49

⁵ VA 1:1-3

⁶ Maria A. Silva. *Plutarco historiador*. São Paulo: Edusp, 2006. Pp.48-50

⁷ Considerado o "historiador" da expedição de Alexandre. Plutarco o utilizou muito como fonte, portanto é natural perceber esse exagero em ambos. Calístenes é trata muito dos "desejos" de Alexandre, mas é possível que ele tenha escrito aquilo que ele achava que Alexandre gostaria que ele escrevesse. Para conhecer mais sobre a discussão acerca dessa relação ver Tarn, William. W. *Alexander the Great*. Vol. II. Cambridge University Press, 1948.

⁸ Lionel Pearson. *The Lost Histories of Alexander the Great*. New York / Oxford: American Philological Society, 1960. pp. 2.



Héracles e quanto de Aquiles⁹ é retratado por Plutarco logo no começo da sua obra e demonstrando como ele se espelhava nos heróis para conduzir a suas ações. Os cultos de mistério que Olímpia, a mãe dele, freqüentava certamente trouxeram ao ambiente familiar uma atmosfera de desenvolvimento espiritual¹⁰, pela personalidade forte que ambos tinham e que ela fazia questão de que ele confirmasse. Alexandre, como muitos gregos e macedônios à época, sempre estava à procura de oráculos, profetas, sábios e videntes para sentir-se seguro das suas escolhas. Ele não media esforços nesse sentido, nem negava qualquer ajuda que viesse com o propósito de lhe favorecer, fosse de religião cívica, cultos de mistério ou outros meios.

Após a tomada de Gaza, Alexandre continuou sua campanha seguindo em direção ao Egito, ao invés de logo perseguir os passos de Dario. O regime Aquemênida praticamente não resistiu à investida dos helenos em 332 a.C. por diversos motivos¹¹. Como o regime central persa já estava enfraquecido pela grande derrota em Issus, Alexandre já entrou na região sem reconhecer autoridade naquele regime, se comportando desde o princípio como vitorioso. Além disso, a falta de organização do governo anterior contribuiu para o modo relativamente pacífico dessa entrada. Os persas eram inimigos tanto dos egípcios quanto dos helenos e esse ódio mútuo fez a população local apoiar, em sua maioria e pelo menos inicialmente, esse rei que os livrou da repressão¹². Alexandre incluiu no seu séquito um egípcio, ao concluir ser importante manter uma relação

⁹ VA 2:1-5. Plutarco é a fonte que mais comenta aspectos psicológicos, religiosos e sobre Homero em relação a Alexandre, o Grande.

¹⁰ Idem.\

¹¹ Ellen E. Rice. *Alexandre o Grande*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. Pp.44-45.

¹² Samuel K. Eddy. *The King is Dead: Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism 334-31 B.C.* Lincoln: University of Nebraska Press, 1961. P.268.



próxima com a população a fim de evitar conflitos internos, revoltas. Para tanto, a interação com os sacerdotes seria necessária, já que eram muito respeitados. Por isso, os consultou provavelmente em Mênfis e com certeza em Siwah¹³. Mas há muitas divergências quanto a outros motivos que o tenham levado até lá.

A maioria das fontes que se baseiam em Clitarco acerca fundação da Alexandria, a situa após a visita ao oráculo, justamente onde questões sobre onde e de que forma fundá-la seriam indagadas. Essa visão é bem aceita na historiografia recente para fundamentar a visita. No entanto, Aristóbulo e Ptolomeu (prováveis fontes utilizadas por Plutarco e Arriano¹⁴ nesse momento) dizem que Alexandre já havia fundado Alexandria. A meu ver, isso não descarta a intenção de obter respostas do oráculo quanto à cidade, sua formação e aprovação pelos deuses. Os deuses locais também teriam capacidade e poder sobre a cidade helena, já que estava num território abrangido por eles. Além disso, a cidade já fora recomendada e aprovada "por meio de sonhos" e consultas aos sábios e videntes gregos que o acompanhavam¹⁵.

As motivações políticas de Alexandre, com efeito propagandístico, eram obviamente questões que estavam sempre na mente dele, assim como na de qualquer conquistador do porte dele. Ele não podia se permitir o luxo de tirar tais questões de foco, pois qualquer erro poderia culminar numa rebelião no seu próprio comando ou um ataque inimigo sobre seus pontos fracos. Portanto, foi necessário, a cada fronteira que avançava e novo limite que estabelecia, firmar-se e assegurar que esse limite não viesse a sofrer nenhuma ameaça. Seria realmente

¹³ Id. *ibid.*

¹⁴ Arriano. *Anabasis de Alexandre* 3:2-3.

¹⁵ VA 26:1-6.



interessante que tal viagem lhe oferecesse a segurança e a confirmação de que aquele deserto constituía uma fronteira natural¹⁶. Mas para tanto, ele não precisava ter se deslocado, poderia simplesmente ter mandado uma expedição. Então, por que Alexandre fez questão de ir pessoalmente? Com certeza havia outro motivo.

Com tantas vitórias garantidas e confirmadas, era cada vez mais evidente que a intenção inicial de derrotar o Império Persa já não era mais a única motivação do rei macedônio. A conquista e o comando de todas as satrapias persas e os outros territórios possíveis de ser conquistados era importante para ele, pois dessa forma teria poder ilimitado sobre o mundo, como o de um deus. Mapas posteriores ao período da campanha de Alexandre (em especial o de Ptolomeu) provavelmente foram feitos com o intuito de demonstrar o quão eficaz foi a campanha de Alexandre, ao conquistar terras do nascente ao poente (mais um exagero das fontes). Ele buscava, portanto se igualar aos seus heróis homéricos e até mesmo aos deuses. Para tanto, a legitimação através das religiosidade, além da posição militar, seria uma aprovação e indicação de que estaria no caminho certo. Nesse sentido a passagem de Plutarco deixa claro tal intenção:

Quando Alexandre tinha passado pelo deserto e chegado ao local do oráculo, o profeta de Amon o saudou pelo deus como um pai; e Alexandre o perguntou se algum dos assassinos do seu pai tinha escapado dele. A isso o profeta respondeu que ele evitasse palavras erradas, pois seu pai não era mortal. Portanto, Alexandre mudou a forma da sua pergunta e questionou se todos os assassinos de Filipe tinham sido punidos; e então, quanto ao seu próprio império, perguntou se foi dado à ele se tornar o senhor de todos os homens. O deus

¹⁶ Charles A. Robinson Jr. "Alexander's deification" in: *The American Journal of Philology*. Vol.64, 3. 1943. Pp.289-290.



*respondeu que isso foi dado à ele e que Filipe foi vingado. E Alexandre fez esplêndidas oferendas ao deus e deu aos seus sacerdotes muito dinheiro*¹⁷.

É importante notar, antes de tudo, que a expressão "senhor de todos os homens" talvez seja um anacronismo de Plutarco, pois Alexandre queria conquistar o mundo todo (e, por isso, se representar como deus), mas a forma que ele usou requer um estudo aprofundado quanto às relações que foram estabelecidas com cada reino conquistado ou terra ocupada. Ainda assim, a passagem demonstra como razão da visita a preocupação de Alexandre com suas conquistas. Além disso, o relato torna claro o que Alexandre já considerava como certo segundo Plutarco. O sacerdote e posteriormente os egípcios em geral consideravam-no filho de um deus.

Esse tipo de visualização do poder não era natural entre gregos e macedônios e isso poderia acarretar problemas na condução do governo. Era uma sociedade acostumada com o sistema de pólis independentes, que se união ou separavam muito mais em função de guerras ou comércio. A administração que Alexandre implementou aos poucos foi uma forma de juntar propaganda política tanto em relação aos egípcios (e quaisquer outros bárbaros) quanto aos próprios gregos.

Dessa passage, apreende-se aspectos psicológicos de Alexandre, da forma com que ele concebia a religiosidade e o devido impacto que isso teve sobre seus contemporâneos¹⁸. Se um deus tão importante o aceitasse, os egípcios não interfeririam nos seus planos. Da mesma forma, os gregos poderiam começar a mudar suas concepções de aceitação de deuses bárbaros e até vir a respeitar a legitimação deles sobre o poder divino de Alexandre; ou ainda pelo menos

¹⁷ VA 27:3-6

¹⁸ Stoneman, op.cit. p.42.



perceber que aquela era a primeira vez que um só rei comandou tantas pólis gregas e com tanto poder, não podendo ele ser uma pessoa qualquer. Isso foi uma inserção cultural que não foi aprovada rapidamente, mas foi cumprida gradativamente, tanto que houve um declínio do culto a deuses gregos pelos próprios gregos radicados no Egito ao longo dos séculos seguintes¹⁹. Então, a religião e a política caminhavam juntas no sentido de auto-afirmação para ele.

Arriano afirma que Hércules e Perseu teriam consultado esse oráculo. Como seus heróis, Alexandre foi ao mesmo lugar à procura de comprovação e autoconhecimento, mesmo que não confirmasse sua ascendência divina (na qual ele certamente acreditava)²⁰. O que guiava o ímpeto de Alexandre e suas paixões em combater não eram somente razões políticas, mas também religiosas, desde que partiu da Macedônia com as concepções que sua mãe orientou, e tais ambições cresceram durante sua jornada. Dadas as motivações religiosas, políticas, e propagandísticas e tomando seus impulsos em consideração, observa-se que a curiosidade dele era maior do que qualquer preconceito contra as culturas bárbaras. Por mais que não compreendesse algumas práticas dos bárbaros, em relação à religião, ele sempre foi mais aberto e procurava sua própria interpretação. Não seria estranho que ele quisesse participar de uma experiência religiosa como a realizada em Siwah.

O uso de fontes muito pessoais de Alexandre sem comentar onde, como e quando as conseguiu intriga a muitos, pois as anedotas que ele conta são discutíveis. Em certos pontos da sua narrativa ele se vale de relatos de

¹⁹ Eddy, op.cit. p.277.

²⁰ Arriano. *Anabasis de Alexandre* 3:2-3.



soldados e outras pessoas mais simples que acompanhavam o conquistador. São, portanto, fontes mais próximas ao relato de Clitarco, esse sim mais confiável. Então, por mais fantasioso que ele tenha sido, isso provavelmente foi um recurso literário que ele usou para tornar a narrativa mais interessante, e não invenções quaisquer.

Plutarco relata essa experiência no oásis com intenções pessoais também e esse era um dos motivos para falar tão bem de Alexandre. As *Vidas Paralelas* foram escritas por meio da comparação de personagens gregos e romanos e, como um grego que prezava sua origem, mesmo respeitando e reconhecendo os feitos romanos ele naturalmente buscava enaltecer os feitos dos gregos. Isso é um acréscimo à explicação para tantos apelos e exageros. Alexandre era a figura perfeita para ele, um exemplo de virtude e equilíbrio entre a vida política e a religiosa, como ele próprio.

Plutarco conseguiu lugar de destaque na sociedade romana com a cidadania que conquistou, mas por cerca de 20 anos ele foi sacerdote de Delfos²¹. Ele estava naquele momento com preocupações acerca do rumo que a fé estava tomando no seu próprio tempo. Além disso, seu mestre de filosofia em Atenas era egípcio, o que certamente lhe despertou curiosidades e vontades quanto ao país²². A passagem mais polêmica quanto à religiosidade de Alexandre encontra-se nos relatos dele:

E alguns dizem que o profeta, buscando mostrar uma amizade chamando-o de 'W paidion', ou O meu filho, na sua pronúncia estrangeira acabou a palavra com Sigma (j) ao invés do Nu (v), e disse, 'W paidioj' e que Alexandre ficou contente com o deslize na pronúncia, e

²¹ Silva, op.cit. pp.26-27.

²² Id.ibid.



a história se tornou corrente que o deus se referiu a ele com 'Wj paiða Dioj', ou como filho de Zeus²³.

Alguns estudos já foram realizados na intenção de minimizar essa passagem, argumentando que era normal no Egito tanto a deificação do soberano quanto a coroação dele como faraó²⁴. Mas Alexandre não era egípcio, não era um faraó propriamente dito (apesar de estar no comando da região) e em tese, como homem pertencente a uma cultura que tendia ao preconceito contra as outras, não precisava da aprovação daquele povo. Ainda assim, ele não só recebeu revelações oraculares, como as aprovou e segundo as fontes fez libação a adoração ao deus egípcio por muito tempo²⁵.

Outro ponto sobre o qual há muita divergência entre os acadêmicos no estudo desse trecho, é a relação sincrética que pode ser percebida no relato de Plutarco, que está bem desenvolvida. Zeus, o grande deus grego já tinha a associação ao deus Amon conhecida na época de Alexandre, mas não a ponto de haver uma intercambialidade tão evidente. Amon, o deus "oculto" já tinha uma associação com deus-Sol Rá²⁶ e era visto como a divindade mais poderosa do panteão egípcio²⁷. A cerimônia de ascensão de um novo faraó era feita com especial cuidado pelos sacerdotes de Amon. No entanto, para Plutarco, a associação de deuses de culturas diferentes era mais natural pelas conjecturas em que as diversas religiões se enquadraram a partir do helenismo, principalmente com a

²³ VA 27:3-6.

²⁴ William W. Tarn. *Alexander the Great*. Cambridge: Cambridge University Press, 1948. Vol.2.

²⁵ Stoneman, op.cit. p 50.

²⁶ Desde o Novo Império do Egito, que tinha como capital a "sede" do deus, Tebas.

²⁷ Norman Cohn. *Cosmos, Chaos and the World to Come: the Ancient roots of Apocalyptic Faith*. New Haven / London: Yale University Press, 1993. Pp.20-22.



cultura romana de não-intervenção na religiosidade da maioria dos locais.

Não se sabe ao certo se Alexandre consultou o oráculo sozinho, acompanhado ou publicamente, porque as fontes divergem. Portanto, as exatas palavras ou mais assuntos que possam ter sido tratados provavelmente se perderam. Para Plutarco, ele entrou sozinho e guardou muitas das respostas para dar à sua mãe quando voltasse, o que nunca aconteceu²⁸.

Não podemos também saber se os sacerdotes aceitaram sua divindade na época como foi dito após essa consulta, quando o rei passou a divulgar a idéia de que ela era filho de Amon, mas segundo Eddy isso é possível²⁹. E é provável que esse sacerdote que supostamente fez aquele jogo de palavras (se é que o fez) só tenha dito o que Alexandre queria ouvir. Uma forma de lidar com os novos soberanos pode ter sido o motivo de tal ato. Querendo cair nas graças do conquistador com a finalidade de conseguir manter certos privilégios e conquistar novos, os egípcios pensaram em fazer uma forma diferente de diplomacia, chamando atenção para aquilo que consideravam possível de cativar o interesse dele.

As representações de Alexandre, o Grande, a partir desse momento começaram a mudar, bem como a forma de tratamento e as relações com suas tropas. O simbolismo do deus-sol Amon-Rá era encontrado nas mais diversas manifestações, desde uma coroa de raios de sol até a mais comum delas, a representação dele como o animal que o simbolizava, o carneiro. Alexandre costumava carregar consigo e ser representado com chifres de carneiro,

²⁸ Plutarco cita uma carta que Alexandre teria escrito à Olímpia, dizendo que contaria os detalhes dessa visita à mãe quando voltasse da expedição. VA 27:5

²⁹ Eddy, op.cit. p.268.



chegando até mesmo usar cornos em algumas ocasiões, para ser lembrado como o deus que era. Muitos foram os simbolismos dos cornos, inclusive a idéia de que cada um representaria as extremidades ou fins das conquistas de Alexandre, as terras onde o sol nasce e se põe³⁰. Este tipo de representação se perpetuou nos reinados que o sucederam, principalmente o Lágida, no Egito. Alguns imperadores e figuras importantes em Roma também utilizaram essa figura³¹.

A legitimação do poder em alguns reinos posteriores à experiência de Alexandre passou a ser gradativamente também representada pela figura com cornos. Um exemplo prático e evidente está nas moedas cunhadas no reinado de Ptolomeu Sóter (rei do Egito) e Lisímaco (rei da Trácia). Nelas, os reis são representados com tais chifres e é possível até mesmo estabelecer uma relativa tentativa deles em se *deificar*. Já Demétrio e Seleuco Nicator, tiveram também a representação feita com cornos de boi³².

É evidente, dessa forma, a transformação no modo de validar e estabelecer o comando entre os gregos que partiram em expedição com Alexandre e os que retornaram, pois as influências, sincretismos e novos hábitos adquiridos trouxeram idéias que se encaixaram com as antigas concepções. No entanto, a originalidade de Alexandre foi inicialmente questionada pelos seus conterrâneos.

A visita ao "Oráculo de Amon" somente abriu possibilidades para legitimar posteriormente o reconhecimento de Alexandre, o Grande, como um "soberano

³⁰ Andrew R. Anderson. "Alexander's horns" in: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Vol.58. 1927. P.122.

³¹ Idem, p.102.

³² Id. *ibid.*



divino". A cultura religiosa dos bárbaros ainda era desconhecida daqueles helenos que não se permitiam ainda muita interação. Esse tipo de preconceito imbuído nos seus atos muitas vezes significava medo do desconhecido. Fosse como fosse, a cultura de *proskynesis*³³ era inconcebível aos olhos dos gregos e macedônios como uma maneira de se portar perante um mortal.

Essa cena é visível na indignação que percorreu as tropas do conquistador durante o banquete na Bácia³⁴ que Arriano descreve. Os persas até então eram considerados um povo efeminado por tanto luxo e ostentação³⁵ e por isso não os respeitavam. O estímulo à *proskynesis* para si próprio que Alexandre fez às suas tropas foi muito mal aceito, incompreendido.

Tal situação ao longo dos anos de convivência com os bárbaros fez com que tais preocupações e medos arrefecessem, ainda que muito presentes. Apesar de não pensarem da mesma forma que seu comandante, os soldados também já não tinham mais tanto preconceito quanto tinham quando deixaram a Héliade. Vendo de perto, o preconceito que podia vir de um medo velado não era mais tão ameaçador. Mesmo assim, isso não significava que deveriam executar tais costumes.

A frase abaixo, Plutarco atribuiu a Alexandre e demonstra como a sua religiosidade e deificação foram instrumentos importantes na legitimação dos seus poderes. Mesmo que autores modernos afirmem que ele apenas usou sua espiritualidade como pretexto para seus atos, é inegável

³³ Costume persa de prosterneção perante uma pessoa de maior posição social.

³⁴ Arriano. *Anabasis de Alexandre* 27:7-8.

³⁵ Idem. Vale lembrar aqui o paralelo com a descrição que Xenofonte faz na sua própria *Anabasis* acerca dos persas.



que ele acreditasse que sua fortuna estava diretamente ligada à sua importância divina:

[...] embora Deus de fato seja o pai comum de toda humanidade, ainda assim Ele fez particularmente Seus os melhores entre eles³⁶.

Mais uma vez, é possível que a vontade de enaltecer seu personagem tenha feito Plutarco fazer inserções ou deduções na forma da passagem, mas não quanto ao conteúdo. A satisfação que o conquistador obteve nessa visita lhe foi muito proveitosa pro resto da sua curta vida. Ele julgava importante o culto de "seu pai" Zeus-Amon e não considerava uma desonra usar essa posição para seu favorecimento político. Esse pensamento era normal para a época e continuou forte até a época da fonte utilizada, pois o autor ainda afirma:

*Pelo que foi dito, então, fica claro que o próprio Alexandre não se enganava ou se efeminava pela crença na sua divinização, mas a usava para subjugar os outros*³⁷.

Portanto, a partir da fonte principal utilizada e da comparada³⁸, verifiquei que a intenção de Alexandre, o Grande, ao visitar o oráculo não se restringia apenas ao cunho político, mas também religioso. Pude perceber uma trama interligada entre os ímpetos que moviam seus atos e a religiosidade presente na sua vida, como um guia. Ao visitar o "oráculo de Amon" ele desejava muitas respostas. Queria estabelecer e confirmar sua ascendência divina (como outros já o haviam dito); desejava ter uma

³⁶ VA 27:6.

³⁷ VA 28:3.

³⁸ Arriano, op.cit.



experiência religiosa como complemento para sua formação e base para prosseguir em campanha; queria saber mais detalhes acerca da cidade de Alexandria (tenha ela sido fundada antes ou depois da visita ao templo - de qualquer maneira, era do interessante dele saber sobre o futuro reservado a ela); além de querer valer-se de propaganda num território estimado na Antigüidade³⁹.

O objeto merece um estudo mais aprofundado, principalmente acerca das circunstâncias da consulta a esse oráculo estrangeiro. Isso se deve ao fato de que as fontes são muito lacunares sobre o assunto⁴⁰. Não há um consenso na comunidade acadêmica quanto à natureza impetuosa de Alexandre, o Grande em termos religiosos.

Uma coisa é possível de se afirmar sobre essa impetuosidade, pelo menos. Para os gregos o modo de ver e de se relacionar passou ter novos significados a partir dessa expedição, principalmente pela curiosidade e pelos impulsos do rei macedônio em interagir com o desconhecido. A figura que ele passou a representar fez com que até mesmo os generais e soldados mais receosos de que tal mudança faria algum bem se rendessem lentamente a uma mistura cultural, ainda que essas fronteiras fossem difíceis de ser ultrapassadas. Não seria apenas absorção de elementos de uma cultura diferente, mas uma troca. Concessões que "gregos e bárbaros" começaram a fazer após essa campanha. Os homens que partiram da Macedônia e das polis gregas certamente não eram os mesmos ao final da expedição, com a morte de Alexandre, o Grande⁴¹.

³⁹ Stoneman, op.cit. p.48.

⁴⁰ VA 27:5.

⁴¹ Rice, op.cit. p.49.